

# Press Release

## Felsberg debate sobre o “Profissional Homossexual na Interseção entre Esporte, Direito e Negócios”

Com a proximidade da Copa do Mundo de Futebol masculino, Comitê de Diversidade do escritório convidou o advogado e empresário de jogadores, Leonardo Máximo, para debater o assunto



**LEONARDO  
MÁXIMO**

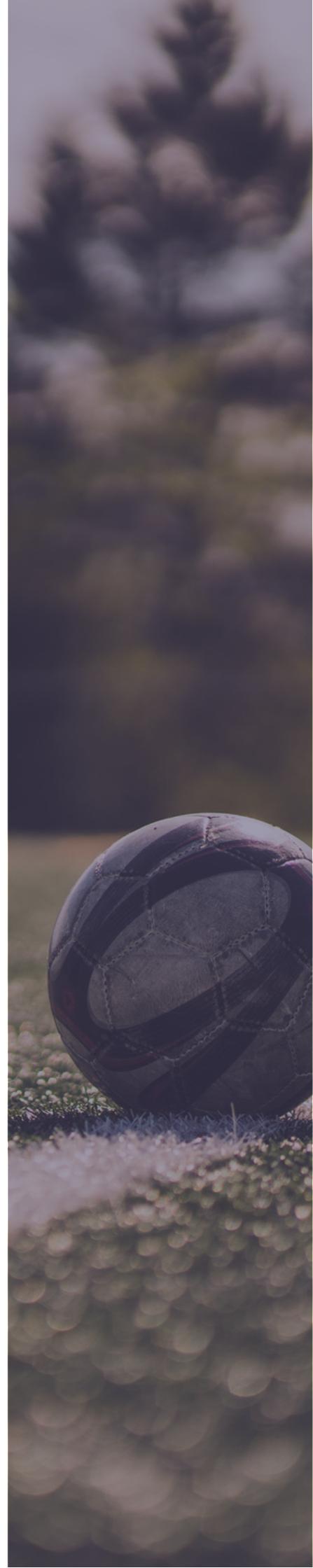


---

*Espanta-me a escolha de um país reconhecidamente homofóbico para sediar a Copa do Mundo de Futebol.*

---

Foi desta forma que o advogado especializado em Direito de Empresa, Direito dos Contratos e Direito Desportivo, Leonardo Máximo, definiu a realização da maior competição que acontecerá entre 20 deste mês e 18 de dezembro no Qatar, nos Emirados Árabes Unidos.

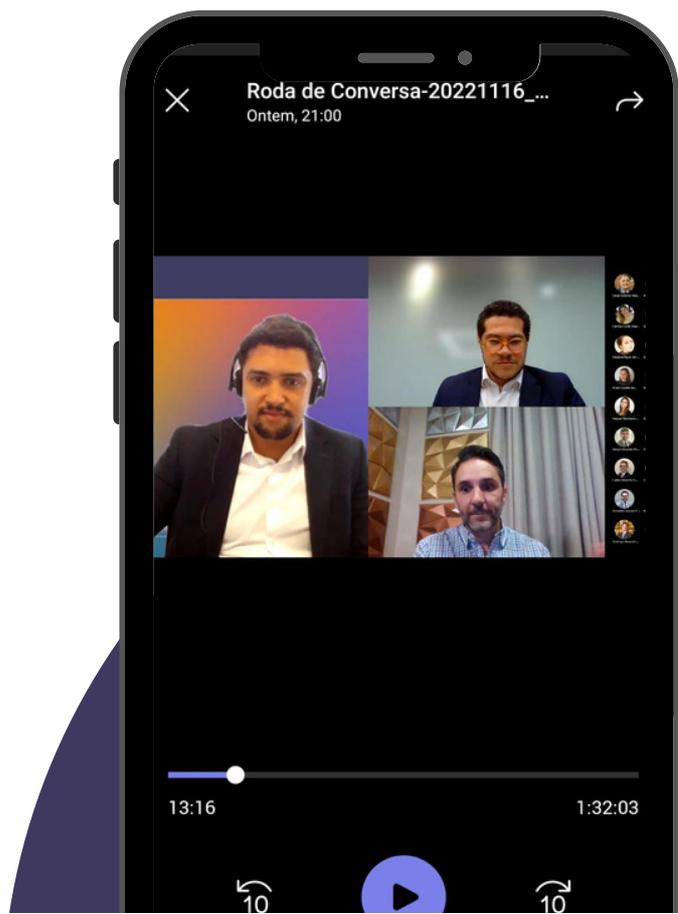


Máximo foi o convidado para debater o “Profissional Homossexual na Interseção entre Esporte, Direito e Negócios”, organizado pelo Comitê de Diversidade do Felsberg Advogados. O evento, destinado a funcionários e sócios do escritório, foi realizado no último dia 16.

Membro filiado ao Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (IBDD), Máximo lembrou que tanto a advocacia como o futebol ainda são espaços em que a homofobia persiste. “Será que a comunidade LGQBTQIA+ realmente é tão alheia a todo o fenômeno desportivo? Tão pouco interessada no encontro do desporto com o empreendedorismo? Ou será que neste universo, assim como em tantos outros, as barreiras de entrada são praticamente intransponíveis? E a maioria das pessoas acaba optando por estar do lado de fora, ou, ainda pior, por violentar todo o seu existir e conformar-se ao papel de ‘discreto/a’, suprimindo um componente tão essencial à miríade humana de que somos feitos?”, questiona.

Aos 45 anos de idade, Máximo reconhece que “Sou um dos únicos no Brasil a ter galgado tal posição, o que me alça ao incômodo lugar de exceção, e não de regra. E, assim, atacar-me frontalmente por ser homossexual não seria exatamente uma decisão sábia, pois uma série de vernizes, geralmente reservados às maiorias, me protege”, acredita.

Mesmo assim já teve alguns momentos de violência psíquica. “Certa vez pedi a uma série de colegas que respondessem a um questionário anônimo que trazia, entre suas perguntas, um pedido para que citassem três coisas que eu deveria parar de fazer”.



O resultado foi que, dos 20 questionários respondidos, seis trouxeram a recomendação para que ele parasse de falar sobre sua orientação sexual. “Duas delas traziam a expressão ‘opção sexual’, o que já é um termômetro preciso do lamentável nível de familiaridade de tais pessoas com toda a questão LGBTQIA+”, lembra. “O resultado me agradou, neste ponto específico? Certamente não. Mas me surpreendeu? Tampouco. Tratava-se apenas da constatação de uma verdade incontornável: o fato de que ser um profissional abertamente homossexual na convergência de dois dos universos mais homofóbicos concebíveis, Esporte e Direito, é uma afronta a um sistema inteiro configurado para excluir e oprimir pessoas LGBTQIA+.”

Mas Máximo reconhece que outras formas cotidianas de preconceito contra gays o incomodam. “Quando ouço a risadinha de longe, a insinuação constante. Quando me dizem que sou elegante porque sou discreto. Quando ouço a invariável e quase cotidiana piadinha homofóbica, dita inocentemente porque, afinal, é importante levar na esportiva, e o mundo do futebol ‘é o que é’. Quando capto o olhar de surpresa ao mencionar meu marido em uma conversa (aparentemente, além do dever de serem discretos, aos gays é vedado o direito constituir famílias). Quando leio, enfim, que um terço das pessoas com quem trabalho crê que eu deveria falar menos da minha ‘opção sexual’.”

E ao falar sobre a decisão da FIFA em realizar a Copa do Mundo de Futebol deste ano no Qatar, Máximo reconhece que existe um componente enfrentamento da entidade com um país assumidamente homofóbico. Mas não nega o fato de que isso também o incomoda. “Gostaria que a Copa estivesse em um país que não fosse manifestamente homofóbico.” E reconheceu que o fato do país mulçumano garantir a entrada em seu território e o acesso aos estádios de pessoas gays não garante a integridade delas. “Poderão, inclusive, levar bandeiras com as cores do arco-íris nas arquibancadas, mas fora desses espaços, nada garante que não serão agredidas pela população ou até mesmo pela polícia local que tem histórias de violência contra homossexuais.

Mas admite que “a FIFA vem fazendo um esforço no sentido de inserir o respeito à diversidade da orientação sexual em seus estatutos, assim como no sentido de punir federações e equipes que têm manifestações homofóbicas em campo”, concluiu Máximo.